

“TORCE, TORCE, TORCEDORA”: A VIDA SOCIAL DAS MULHERES NO INÍCIO DO SÉCULO XX¹

Recebido em: 28/08/2025

Aprovado em: 14/11/2025

Licença: 

Maria Karolinne Rangel de Mello²

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0009-0004-6598-1951>

RESUMO: O artigo analisa a presença feminina nos espaços de sociabilidade e lazer vinculados ao futebol carioca na primeira metade do século XX, ressaltando a relação com o carnaval. O objetivo é compreender como se construiu a figura da “torcedora símbolo” e quais limites sociais regulavam sua atuação pública. A pesquisa adota uma abordagem documental, baseada em periódicos e registros imagéticos disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, com destaque para jornais e revistas que cobriram eventos sociais ligados aos clubes. Os resultados apontam que, embora frequentemente representadas como acompanhantes ou ornamentos, as torcedoras também exerceram protagonismo em blocos carnavalescos, chá dançantes, cânticos e festividades, ampliando sua visibilidade em espaços de lazer, ainda que submetidas a códigos de gênero, classe e moralidade.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol. Torcedoras. Lazer.

“CHEER, CHEERING, CHEERING”: WOMEN’S SOCIAL LIFE IN THE EARLY 20TH CENTURY

ABSTRACT: This article analyzes the female presence in social and leisure spaces associated with Rio de Janeiro football in the first half of the 20th century, highlighting their relationship with Carnival. The objective is to understand how the figure of the "symbolic female fan" was constructed and what social boundaries regulated their public activity. The research adopts a documentary approach, based on periodicals and imagery available in the National Library's Digital Newspaper Library, with a focus on newspapers and magazines that covered club-related social events. The results indicate that, although often represented as companions or ornaments, female fans also played a leading role in Carnival parades, tea dances, chants, and festivities, increasing their visibility in leisure spaces, albeit subject to gender, class, and moral codes.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Mestranda em Estudos do Lazer do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGIEL/UFMG); Membro do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT).

KEYWORDS: Football. Fans. Leisure.

Introdução

O presente artigo trata da pesquisa que procurou observar a trajetória da representação de torcedoras símbolos em jornais cariocas. Durante a análise de dados chamou a atenção, a vida social carioca, amplamente divulgada pelos periódicos, sendo identificada como uma possibilidade de as mulheres ocuparem espaços para além dos domínios do lar (Costa, 2007).

Primeiramente, é necessário compreender que a presença de mulheres nas arquibancadas não deve ser tratada como fenômeno recente ou em processo de consolidação. Pesquisas têm demonstrado que elas desempenharam papel central na própria invenção do ato de torcer, como apontam Carmen Rial e Caroline Almeida, “as primeiras referências ao termo ‘torcedora’ surgem nos jornais do início do século XX, por volta de 1911, sempre no feminino, associadas às mulheres que assistiam às partidas e, aflitas, torciam seus lenços ou luvas” (2024, p. 86). Assim, as mulheres não chegaram posteriormente a um espaço já estabelecido pelos homens; ao contrário, constituem figuras fundamentais para a consolidação e popularização do futebol no país (Moraes, 2018).

Estudar a presença feminina nas arquibancadas, portanto, exige considerar suas transgressões e conquistas, compreendendo gênero como construção histórica atravessada por múltiplas hierarquias sociais (Rago, 1998). Embora o acesso de mulheres a espaços de poder e prestígio possa indicar mudanças, essas transformações permanecem condicionadas a limites estruturais que afetam parte das experiências femininas.

Com base em fontes documentais, esta pesquisa busca reconstruir a presença e o papel das torcedoras símbolos no contexto carioca, examinando de que modo elas contribuíram para moldar práticas de torcer, desafiar fronteiras de gênero e inscrever a presença feminina na memória do futebol brasileiro. Pierre Nora *et al.* (1993) compreende os lugares de memória como construções simbólicas que preservam identidades coletivas diante da fragilidade da memória viva. Nesse sentido, as torcedoras símbolos podem ser entendidas como tais lugares, uma vez que cristalizam pertencimentos, narrativas e afetos.

No início do século XX, o lazer nas cidades brasileiras, especialmente no Rio de Janeiro, consolidava-se como elemento central da vida urbana, marcado pela modernização dos espaços públicos e pela ampliação das opções de divertimento. Como aponta Victor Andrade de Melo (2007), esse período foi caracterizado pela diversificação das práticas de lazer, que iam desde as atividades esportivas emergentes, como o futebol, até os tradicionais espetáculos teatrais, concertos, bailes e festividades populares.

Ainda sobre isso, Melo e Schetino (2009) ressaltam que, na passagem do século XIX para o XX, inovações como a máquina a vapor, o trem, a luz elétrica e a fotografia transformaram a dinâmica social, redefinindo a separação entre trabalho e lazer, gerando novas sensibilidades ligadas à velocidade e à fugacidade e reforçando a valorização do espaço público como centro das práticas sociais e de lazer.

Nesse cenário, alguns periódicos ganharam destaque, entre eles a revista *Fon-Fon!*, publicada entre 1907 e 1945. Considerada uma das principais revistas ilustradas do período, registrava aspectos da vida privada dos cariocas, seus hábitos, modas e cotidiano (Zanon, 2007). Com tom bem-humorado, abordava tanto acontecimentos

políticos quanto temas ligados ao entretenimento. Ao retratar a Belle Époque, evidenciava a influência europeia sobre a cidade, perceptível em diferentes áreas, incluindo os esportes e as festividades esportivas.

Entre as diversas celebrações, algumas se destacavam pela constante presença de torcedoras. É o caso dos chás dançantes promovidos por clubes de futebol, remo e jóquei, descritos como “ocasiões dedicadas às danças em que chás e finos biscoitos eram servidos às pessoas presentes” (Silva, 2020, p. 8). Um exemplo emblemático é o chá dançante oferecido pelas torcedoras do America aos jogadores do clube, registrado pela revista *Careta* em 1916.

Figura 1: Torcedoras do America em chá dançante organizado por elas.



Fonte: Revista *Careta*, edição nº 429, 09 set. 1916.

A fotografia desse evento revela a reunião de um grande grupo de mulheres brancas, trajando vestidos elegantes e predominantemente claros, acompanhados de acessórios como chapéus e laços, em consonância com a moda da elite carioca nas primeiras décadas do século XX (Feijão, 2012). A disposição das participantes, em pé ou sentadas de forma ordenada, bem como o ambiente decorado com bandeiras do clube, sugere um momento de sociabilidade formal e de prestígio social. A imagem

evidencia a atuação feminina no universo futebolístico para além das arquibancadas, associando as torcedoras à organização de eventos refinados, reforçando representações de feminilidade, distinção e pertencimento a círculos sociais restritos.

Havia ainda chás voltados a comemorações de aniversários, inclusive de fundação dos clubes, além de premiações realizadas ao fim dos semestres. Bailes também figuravam entre os eventos mais frequentados por torcedores e torcedoras. O público dessas ocasiões era formado por “famílias aristocratas de atletas, associados dos clubes, apostadores e entusiastas das diversões” (Bonfim, 2023, p. 45).

A presença feminina também era registrada em teatros, concertos, eventos de declamação de poemas e blocos de carnaval, compondo um cenário de intensa vida cultural. Essa proximidade se explicava pelo fato de grande parte das atividades sociais da época ocorrerem nos salões dos clubes esportivos (Araújo, 2023, p. 55). Além disso, é necessário ressaltar que nesse período, o futebol no Brasil ainda se configurava como uma prática e um espetáculo voltados às elites urbanas, acessível apenas àqueles que dispunham de recursos financeiros, tanto para participar como jogadores quanto para frequentar como espectadores (Silva, 2010).

Dessa maneira, buscou-se compreender de que forma a dinâmica da vida social do período, permeada por distintas práticas de lazer, criou condições para que as mulheres ampliassem sua presença em espaços de sociabilidade e participação em atividades recreativas, consolidando-se como agentes ativos nesses ambientes.

Este trabalho adota uma abordagem histórica, a partir do portal Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional³, um repositório institucional que reúne e disponibiliza, em acesso aberto, coleções de jornais, revistas e outros periódicos brasileiros publicados

³ Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

desde o século XIX. O acesso aberto ao acervo possibilita a consulta a fontes primárias em seu formato original, recurso fundamental para análises históricas e documentais.

Com foco na análise de jornais do Rio de Janeiro, o período de recorte compreende as primeiras décadas do século XX, entre 1900 e 1950. As fontes foram selecionadas a partir da busca pelo termo “torcedora”, consulta realizada nos periódicos *O Imparcial*, *Revista Careta*, *O Paiz*, *A Nação*, *A Noite* e *Jornal do Brasil*. O recorte temporal justifica-se pela efervescência do futebol e pela modernização dos meios de comunicação, processos que ampliaram a visibilidade e a inserção das mulheres em espaços de sociabilidade até então masculinos.

Como critérios de inclusão e exclusão, consideraram-se apenas os registros que abordavam a presença de torcedoras em relação às diferentes festividades cariocas, privilegiando aspectos de sua vida social. Os procedimentos de organização e tratamento dos dados envolveram a categorização dos conteúdos e sua análise cronológica, de modo a identificar transformações sociais e culturais ao longo do período estudado.

Mulheres, Lazer e Futebol: A Ocupação dos Espaços Urbanos

Os estudos históricos de gênero revelam como os fenômenos sociais foram sentidos e vividos pelas mulheres em seu cotidiano (Nascimento, 2023). Entre bailes, chás e festas esportivas, a presença feminina no lazer carioca do início do século XX revela tanto limites impostos pelas normas de gênero quanto possibilidades de ampliação de papéis sociais. No entanto, mais do que os eventos em si, interessa observar como eles foram narrados e representados publicamente.

Compreendendo os jornais como importantes veículos de registro e de construção da memória social (Soares; Helal; Santoro, 2004), este estudo analisa a forma como a imprensa destacou a participação das mulheres nas atividades sociais promovidas pelos clubes, especialmente aquelas ligadas ao lazer festivo e à construção de identidades. A análise dessas representações possibilita compreender de que modo as torcedoras eram enquadradas nos discursos jornalísticos, ora como figuras decorativas, ora como símbolos de tradição e pertencimento.

O jornal *Vida Sportiva*, por exemplo, registrava em suas páginas a presença feminina em competições e celebrações esportivas. Nessas ocasiões, a imprensa não apenas relatava os acontecimentos, mas selecionava imagens, discursos e enquadramentos que reforçavam certas representações do torcer feminino. Tal representação pode ser observada na imagem abaixo, a fotografia corresponde a uma festividade realizada por “encantadoras” torcedoras do Botafogo.

Figura 2: Chá dançante do Botafogo com a presença de torcedoras e o presidente do clube



Fonte: Vida Sportiva, edição nº 45, 29 jun. 1918.

O registro publicado no *Vida Sportiva* destaca a realização de um chá dançante, reunindo associados, dirigentes e, em especial, torcedoras do clube. Esses eventos evidenciam como, já nas primeiras décadas do século XX, os salões esportivos funcionavam como espaços de sociabilidade e lazer, nos quais a presença feminina era central para a construção da vida social dos clubes. Tais eventos reforçam o papel do

lazer e da sociabilidade na construção da identidade dos clubes e na legitimação da presença feminina nos espaços esportivos.

Esse processo inicia-se ainda na virada do século XIX para o XX, quando houve uma ampliação significativa das opções de lazer urbano, que iam de bailes, ginástica e práticas esportivas a touradas, circos, teatros, riques de patinação e visitas a fábricas de cerveja. Até mesmo os estabelecimentos de alimentação passaram a ser buscados não apenas para suprir necessidades biológicas, mas como espaços de sociabilidade, música, encontros e distinção social (Melo, 2015). Nesse cenário, o esporte, introduzido no Rio de Janeiro por britânicos ligados ao comércio e à política, consolidou-se como uma forma valorizada de diversão, funcionando também como elemento de identidade e pertencimento para estrangeiros e locais.

Na primeira metade do século XX, os clubes cariocas se tornaram importantes centros de sociabilidade, promovendo aniversários de fundação, comemorações de títulos e homenagens a figuras relevantes (Bonfim, 2023). Nessas ocasiões, realizavam-se provas e competições voltadas às mulheres, como a “corrida de moças”, “corrida de sacos”, “corrida do ovo na colher” ou a “prova de bambolê”. As vencedoras recebiam perfumes, roupas, medalhas, dinheiro e, sobretudo, prestígio social ao terem seus nomes e imagens registrados nos jornais.

Esses eventos, no entanto, eram atravessados por normas de distinção e controle. Bailes à fantasia, por exemplo, restringiam-se a sócios e familiares, exigindo trajes formais e “fantasias de bom gosto”. A presença feminina era admitida principalmente na condição de esposas, mães, irmãs ou filhas, revelando como sua inclusão dependia de parâmetros morais e familiares. Ainda assim, o recurso ao disfarce permitia às mulheres experimentarem identidades e comportamentos vetados pela sociedade

conservadora, funcionando como brechas de resistência e formas temporárias de afirmação de autonomia.

Entre as décadas de 1920 e 1930, bailes, matinês e festas carnavalescas organizadas por clubes como Fluminense, Vasco e Real Grandeza reforçavam a articulação entre futebol, sociabilidade e distinção social. A participação feminina, embora significativa, permanecia vinculada a papéis decorativos e familiares, o que limitava o reconhecimento da torcedora como figura autônoma no cenário esportivo. Nesse contexto, o carnaval, entendido como espaço ambíguo, capaz de tanto reforçar quanto subverter códigos sociais (Karawejczk; Leal, 2025), tornava-se palco privilegiado para observar os tensionamentos em torno das representações de gênero.

Essas transformações antecedem as mudanças significativas trazidas com as escolas de samba, a partir de 1950, levando o carnaval a alcançar maiores proporções e atenção (Queiroz, 1992). Ao atrair novos públicos e movimentar o divertimento carioca, novos olhares foram colocados sob as mulheres. Como destacado por Ellen Maziero,

[...] à medida que mudanças nos costumes ocorreram de forma mais intensa, o carnaval se modificou, assim como as representações da imprensa que deixaram o aspecto sensual mais explícito nas seleções e coberturas realizadas por seus periódicos quanto à postura assumida pelas mulheres nessas celebrações (2017, p.1131).

Mudanças nos costumes refletiram-se também na forma como a imprensa retratava as mulheres, tornando mais explícito o aspecto sensual de suas representações (Maziero, 2017). Paralelamente, a moda feminina no futebol acompanhava essas alterações sociais: dos longos vestidos e trajes formais passou-se ao uso de calças e roupas mais confortáveis, símbolos de maior liberdade. Não por acaso, em 1969, a revista *Manchete* apontava a adoção da calça comprida como fator que favoreceu o retorno das torcedoras aos estádios.

A expansão dos espaços de lazer, salões de festa, parques, clubes, ruas e casas de espetáculo, contribuiu para que as mulheres, antes restritas ao ambiente privado, ocupassem mais ativamente a esfera pública (Trindade, 1996). Essa reorganização do tempo livre esteve vinculada a mudanças culturais, ao avanço dos transportes e da comunicação e às ideias higienistas, produzindo formas distintas de apropriação: enquanto a elite frequentava clubes, teatros e cafés elegantes, as camadas populares se engajavam em festas de rua e práticas espontâneas (Araújo, 1993).

Nesse panorama, o futebol consolidava-se como um dos protagonistas do lazer urbano, articulando competição, espetáculo e identidade coletiva. A presença feminina nesses espaços ainda era limitada por normas de gênero, mas já se manifestava em bailes, chás, concursos e homenagens, como o Dia da Torcedora Vascaína em 1936. Registros da revista *Careta* e de outros periódicos atestam a participação das mulheres nesses eventos, revelando que o esporte funcionava não apenas como prática física, mas como oportunidade de sociabilidade, consumo e experimentação de novos papéis sociais (Bonfim, 2023). O festival aconteceu no estádio de São Januário, às vésperas de completar 10 anos de inauguração, e revela como as mulheres participavam ativamente das comemorações do clube, que incluíam desde chás dançantes até festivais esportivos.

Figura 3: Recortes da festividade em comemoração ao “Dia da torcedora vascaína”



Fonte: Revista *Careta*, edição nº 1453 (1936).

Como observa Melo (2010), essa inserção não significava uma libertação plena, mas representava uma concessão controlada que abriu caminhos para transformações futuras. Ao ocupar clubes, arquibancadas e festas esportivas, as mulheres inscreviam-se nos debates sobre costumes e gênero, ampliando, ainda que de forma restrita e tensionada, sua presença no espaço público da sociedade carioca.

É importante ressaltar que tais avanços estavam atravessados por marcadores de raça e classe. As representações veiculadas pelos jornais privilegiavam, em sua maioria, torcedoras da elite carioca, brancas e de comportamento considerado adequado, ao

mesmo tempo em que inviabilizavam a presença de mulheres negras, pobres e de perfis que não se enquadravam nesse padrão (Araújo, 2023).

“Torce, Torce, Torcedora”: As Mulheres e o Carnaval

Roberto DaMatta (1982) compreende o carnaval não apenas como um momento de neutralização e inversão das posições sociais cotidianas, mas como uma prática que, ao provocar essas inversões, acaba reforçando a confiança na ordem estabelecida. A vinculação entre futebol e carnaval remonta à primeira metade do século XX. Desde a década de 1910, há registros da presença de torcedoras em blocos carnavalescos, como no caso de 1917, quando *O Imparcial* destacou uma torcedora vascaína no bloco Destemidos do Jacaré, e na seção “Carnaval Sportivo”, que frequentemente misturava referências esportivas à festividade carnavalesca.

Figura 4: Desenho de uma torcedora em um carro alegórico na seção Carnaval Sportivo.



Fonte: *O Imparcial*, edição nº A01245, 04 mar. 1917.

A ilustração apresenta um pequeno carro alegórico em tom caricatural, no qual uma mulher aparece em posição de destaque, sentada em um pedestal, com saia rodada

e protegida por um guarda-sol. Ao fundo, dois homens a acompanham, reforçando sua centralidade na cena. Além disso, aparecem pincéis e elementos artísticos, o que sugere a associação entre arte, espetáculo e vida urbana.

No mesmo ano, o jornal publica a sugestão de um carro alegórico intitulado “A Torcedora”, registrado pela imprensa da época. A composição reúne ilustração e versos satíricos que descrevem uma mulher dedicada ao time, mas enquadrada sob uma ótica caricatural e performática. A personagem é apresentada como “mimosa” e “de chaleira”, atributos que evocam delicadeza e afetação, ao mesmo tempo em que os versos ressaltam sua intensidade emocional, capaz de “torcer até gemer”. Tal verso está localizado abaixo:

A jogador que se preza
Nada há que mais admire
Que ver uma torcedora
A “retorcer” por seu team.
Ha torcedoras batutas,
Que são gente p’ra torcer
O Nery conhece uma
Que torceu até gemer...
Torce, torce, torcedora
É tua vida torcer.
Quem nessa modinha não torce
Por (lá) torcida há de ser...

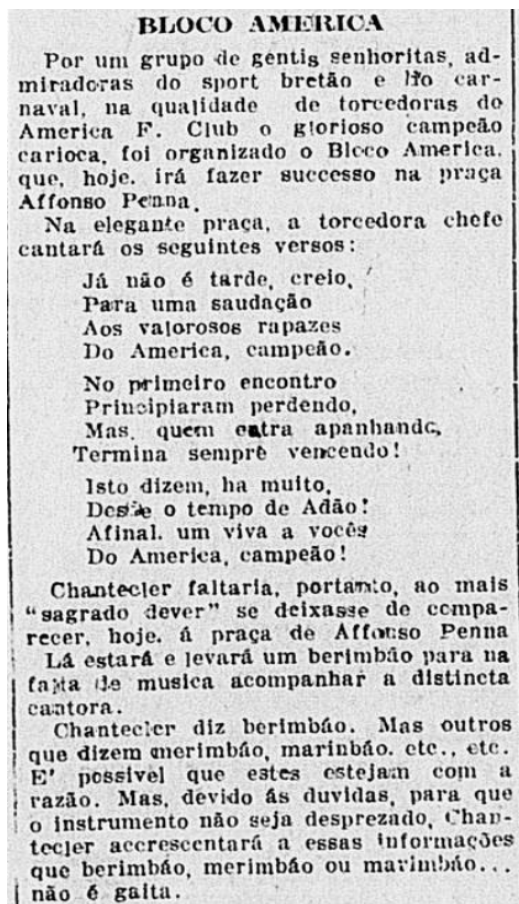
O verso analisado reforça a própria origem do termo “torcedor”, associada por Coelho Neto, em 1920, às torcedoras do Fluminense. Como explica Hollanda (2008), a expressão nasceu da imagem das mulheres que, nos momentos de tensão do jogo, torciam lenços e fitas, adereços também usados para saudar os jogadores, como forma contida de demonstrar aflição. Ao empregar o verbo “retorcer” de maneira jocosa e caricatural, o verso não apenas dialoga com essa gênese, mas também insere a figura da torcedora em um enquadramento performático e festivo, típico do imaginário carnavalesco da época.

A repetição do termo “torcedora” e o jogo linguístico que aproxima o ato de torcer do exagero e da performance corporal reforçam o caráter carnavalesco da cena. Nesse enquadramento, a torcedora surge como alegoria decorativa para o espetáculo, mais próxima de um símbolo festivo do que de uma referência concreta à mulher que ocupava arquibancadas. Trata-se de uma representação construída a partir de um olhar masculino, que a estetiza, erotiza e, em certa medida, infantiliza, deslocando-a de um lugar de participação efetiva para o campo do entretenimento e da ornamentação.

Esse exemplo ilustra como, já no início do século XX, carnaval e futebol compartilhavam narrativas e elementos visuais, mas a presença da mulher nesse espaço era mediada por discursos moralistas e patriarcais. A “torcedora” do carro alegórico não fala por si: é produto de um discurso que projeta sobre as mulheres expectativas de beleza, graça e comportamento moderado, mesmo quando associado à paixão clubística. Como observa Naomi Wolf (2020), os padrões de beleza atuam como formas de controle que limitam a autonomia feminina e reforçam desigualdades. Ao converter a torcedora em personagem carnavalesca, a imprensa reforçava estereótipos e limitava a construção de sua imagem como protagonista autônoma no universo esportivo, evidenciando que, no imaginário social da época, seu lugar ainda era definido por olhares externos.

Um exemplo emblemático é o Bloco America, organizado por “um grupo de gentis senhoritas” torcedoras do America Football Club. Lideradas por uma “torcedora chefe”, essas mulheres uniam futebol e carnaval em versos e sátiras, assumindo um papel de celebração pública. Marcado para acontecer na elegante praça Affonso Penna, o jornal define tão evento como “sagrado dever”, enfatizando a participação das torcedoras tanto na organização do bloco quanto nas músicas a serem cantadas.

Figura 5: Anúncio do Bloco America em 1917



Fonte: O Imparcial, edição 1491, 01 fev. 1917.

Em 1921, o jornal *O Paiz* registrou a presença de torcedoras em duas celebrações carnavalescas: a “Batalha de Confetti” e o “Bloco das Torcedoras Flamengas”. A premiação deste último, que recebeu “estojos com finíssimas perfumarias” da marca Granado, revela não apenas o destaque das mulheres nessas festividades, mas também a associação de sua participação a elementos de consumo e vaidade.

Anos depois, em 1927, o Fluminense anuncia uma atividade carnavalesca que contará com a presença de sua distinta sociedade, sendo anunciado pelos jornais *O Paiz* e *O Imparcial*. A notícia publicada sobre o baile de Carnaval promovido pelo Fluminense Football Club, em 1927, evidencia a imbricação entre futebol, festividades

e sociabilidades urbanas no Brasil da primeira metade do século XX. Compreendendo os clubes como espaços de encontro de camadas médias e altas da sociedade carioca, o anúncio revela como as agremiações esportivas também funcionavam como centros de lazer e reafirmação de status social, promovendo eventos que extrapolavam os limites do campo de jogo. O baile à fantasia é apresentado como um momento festivo exclusivo, com acesso restrito a sócios e seus familiares, mediante apresentação de carteirinha e quitação de mensalidades.

A exigência do traje formal e a distribuição de brindes às fantasias “de bom gosto” reforçam o caráter elitizado e normativo do evento. Tais elementos sinalizam a busca pela manutenção de certos códigos de distinção, pautados pela estética, pela conduta e pela sociabilidade seletiva. A presença feminina, embora prevista, é condicionada a papéis socialmente aceitáveis: esposas, mães, irmãs e filhas solteiras. Não há menção à figura da torcedora enquanto sujeito ativo ou participante autônoma da vida clubística, mas sim como acompanhante dos homens associados.

Essa delimitação revela o controle exercido sobre a circulação das mulheres nesses espaços e a forma como as representações do feminino eram regulados a partir de parâmetros morais e familiares (Rago, 1985). Ao observar esse tipo de anúncio, torna-se possível compreender como o futebol e suas instituições estiveram ligados à construção de identidades sociais, de gênero e de classe. A vinculação entre carnaval e futebol também emerge como aspecto importante: não apenas como festividade popular, mas como prática apropriada pelos clubes para consolidar pertencimentos e tradições (Melo, 2010). Entretanto, a forma como esses eventos eram mediados pela imprensa e regulamentados pelas diretorias evidencia que a inclusão das mulheres estava

subordinada a lógicas patriarcais e elitistas, o que dificulta a emergência da torcedora como figura pública com voz própria nesse período.

Na segunda metade do século, os jornais *A Noite* e *Jornal do Brasil* passaram a destacar a participação de torcedoras nos concursos de Rainha do Carnaval, evidenciando a forte assimilação entre a figura da torcedora e o universo carnavalesco nessas disputas. Mais do que manifestações culturais, a relação entre o futebol e o carnaval sinaliza a presença das mulheres em espaços de lazer.

Considerações Finais

A análise revela que, embora integradas às atividades sociais e festivas dos clubes, as torcedoras eram frequentemente enquadradas por discursos que reforçavam papéis decorativos e hierarquias de gênero e classe. Ao mesmo tempo, iniciativas como o Bloco America mostram que as mulheres também criaram formas próprias de protagonismo, ainda que mediadas por representações estereotipadas. A intersecção entre carnaval e futebol na primeira metade do século XX evidencia tanto a possibilidade de inserção feminina nos espaços esportivos quanto os limites simbólicos e sociais dessa participação.

Assim, o estudo demonstra que a presença das torcedoras não é um fenômeno recente, mas um processo histórico atravessado por disputas simbólicas em torno de gênero, classe e sociabilidade. Nesse sentido, compreender essas experiências permite não apenas recuperar memórias silenciadas, mas também problematizar a forma como a mídia e os clubes construíram narrativas sobre o torcer feminino, destacando tensões entre visibilidade, controle e resistência.

REFERÊNCIAS

A NAÇÃO, edição nº 993, Rio de Janeiro, 05 abr. 1936.

A NOITE, edição nº 13671, Rio de Janeiro, 21 dez. 1950.

ARAÚJO, Daniela Torres de. **Estrangeiras do próprio país: memória, espaço e representatividade das mulheres nas torcidas de futebol do Rio de Janeiro (1910 - 1950)**. 2023. 120 f. Tese (Doutorado) - Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2023.

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. **A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. 408 p.

BONFIM, Aira Fernandes. **Futebol Feminino no Brasil: entre festas, circos e subúrbios, uma história social (1915-1941)**. São Paulo: Aira Bonfim, 2023. 352 p.

COSTA, Leda Maria da. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e sociedade**, n. 04, p.1-31, 2007.

DA MATTA, Roberto. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982. 124 p.

FEIJÃO, Rosane. Moda feminina e imprensa na belle époque carioca. **Revista Iara: Revista de Moda, Cultura e Arte**, São Paulo – v.5, n. 1, maio, 2012.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)**. 2008. 771 f. Tese (Doutorado) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008.

JORNAL DO BRASIL, edição nº 87, Rio de Janeiro, 10 abr. 1924.

JORNAL DO BRASIL, edição nº 190, Rio de Janeiro, 16 ago. 1956.

KARAWCZYK, Mônica; LEAL, Caroline Pereira. E no Carnaval também se fala de feminismo e voto feminino-Brasil, década de 1910. **Revista Anômalas**, v. 5, n. 1, p. 33-52, 2025.

MAZIERO, Ellen Karin Dainese. Mulheres e carnavais no Rio de Janeiro: as representações da imprensa entre 1950 e 1962. **Antíteses**, v. 10, n. 20, p. 1129-1152, 2017.

MELO, Victor Andrade de (org.). **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2010. 353 p.

MELO, Victor Andrade de. Entre a elite e o povo: o sport no Rio de Janeiro do século XIX (1851-1857). **Tempo**, v. 21, n. 37, p. 208-229, 2015.

MELO, Victor Andrade de. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). **Revista Brasileira de história**, v. 27, p. 127-152, 2007.

MELO, Victor Andrade de; SCHETINO, André. A bicicleta, o ciclismo e as mulheres na transição dos séculos XIX e XX. **Revista Estudos Feministas**, v. 17, p. 111-134, 2009.

MORAES, Carolina Farias. **As torcedoras querem (poder) torcer**. 2018. 157f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

NASCIMENTO, Alan Faber do. A Mulher Carioca e a praia como um espaço de consumo e lazer (1920-1940). **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 31, n. 3, 2023.

NORA, Pierre *et al.* Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993.

O IMPARCIAL, edição nº 1491, Rio de Janeiro, 01 fev. 1917.

O IMPARCIAL, edição nº 1510, Rio de Janeiro, 20 fev. 1917.

O PAIZ, edição nº 13251, Rio de Janeiro, 30 jan. 1921.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval brasileiro: o vivido e o mito**. São Paulo: Brasiliense, 1992. 239 p.

RAGO, Margareth. Descobrimos historicamente o gênero. **Cadernos Pagu**, v.11, p.89-98, 1998.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890–1930)**. São Paulo: Paz e Terra, 1985. 209 p.

REVISTA CARETA, edição nº 1453, Rio de Janeiro, 25 abr. 1936.

REVISTA CARETA, edição nº 429, Rio de Janeiro, 09 set. 1916.

REVISTA CARETA, edição nº 454, Rio de Janeiro, 08 mar. 1917.

RIAL, Carmen; SOARES DE ALMEIDA, Caroline. O “gênero da bola”: Mulheres e futebol na mídia. **Alceu**, [S. l.], v. 24, n. 52, p. 84–119, 2024.

SILVA, Elisabeth Murilho da. A mulher nos estádios: das plumas ao disfarce. **Dobra[s] – Uma Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, São Paulo, v. 4, n. 9, p.50-60, jul. 2010.

SILVA, Igor Maciel da. Da participação das mulheres nas danças em Barbacena – MG (Cidade de Barbacena, 1915-1930). **Recorde: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 1-13, 2020.

SOARES, Antonio Jorge; HELAL, Ronaldo; SANTORO, Marco Antonio. Futebol, imprensa e memória. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**. São Leopoldo, v. 6, n.1, p.61-78, jan./jun. 2004.

TRINDADE, Etelvina. Cidade moderna e espaços femininos. **Projeto História**, v. 13, p. 109-120, 1996.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. 490 p.

ZANON, Maria Cecília. A sociedade carioca da Belle Époque nas páginas do Fon-Fon!. **Patrimônio e Memória**, v. 4, n. 2, p. 217-235, 2007.

Endereço da Autora:

Maria Karolinne Rangel de Mello
Endereço eletrônico: karolmello2012@gmail.com